

De Fátima para Washington, D.C.:

OS VÍNCULOS COM O TERÇO DE NOSSA SENHORA

O Dr. David Allen White é um Professor de Literatura aposentado e talvez o mais destacado perito sobre Shakespeare desta nação. O que se segue são extratos de uma alocução que proferiu na nossa Conferência que teve lugar em Washington D.C., em Setembro de 2015.

pelo Dr. David Allen White

Gostaria de dedicar esta alocução ao nosso caro Amigo e grande Sacerdote falecido – que, obviamente, era muito amado pela Nossa Mãe Santíssima – por todo o trabalho que fez; e aqueles de nós que fomos abençoados por o termos conhecido e ouvido, tê-lo-emos presente toda a nossa vida como modelo do que deveríamos fazer.

Agora, devo dizer-lhes algo. Estou a olhar em redor e não vejo crianças aqui. Vou falar hoje sobre crianças, mas não será uma alocução para ser ouvida por crianças pequenas. Como não vejo nenhuma, penso que não tenho de me preocupar. Os adolescentes podem ouvir, e provavelmente até deveriam ouvir. E digo isso não só aos que nós temos reunidos nesta sala, mas também – se a gravação se vir ou ouvir noutros lugares – àquelas pessoas que a estiverem a ver ou a ouvir. E os Pais, eles que tenham bem presente que se trata, de facto, de uma alocução para adultos e adolescentes – há algumas coisas que é preciso dizer, e que as crianças pequenas não devem ouvir.

Porque digo eu isso? Bom, deixem-me começar com uma das coisas mais óbvias sobre as crianças que tomamos como certa. É a pura alegria inocente que as crianças representam nas nossas vidas desde o tempo em que éramos muito jovens, e quando fomos crianças nós próprios – esses dias maravilhosos em que estávamos mais ou menos livres de preocupações. As crianças podem ser muito levadas da breca; reparem que não estou a desculpá-las! Com efeito, como todos sabemos, elas estão manchadas pelo Pecado Original – e podem ser bastante levadas da breca – mas têm a especial alegria e inocência próprias da infância e que são únicas.

Acho que não foi por acaso que, quando Nossa Senhora desceu a Fátima para comunicar a mensagem mais importante do Século XX e que ainda se estende até aos nossos dias, falou a três Pastorinhos. Fátima segue o mesmo padrão que já vem do Século XIX, quando a Senhora desceu a La Salette e falou a umas crianças. Há outras aparições – algumas das quais são postas em dúvida – mas, em muitos casos e muito frequentemente, Ela fala com crianças.

O que será isto? Por que será assim? O que é esta alegria especial? Pois bem, um dos terríveis aspetos da destruição da família é que há famílias inteiras que já não vivem

juntas. Fomos espalhados por toda a terra. É muito difícil conservar a família numa única área e mais difícil ainda é manter as famílias num só lar. É muito claro que a intenção desde o principio para o que seja uma família consiste, é que se devem ter as crianças, pais, e avós a viverem todos juntos ou pelo menos muito perto, porque é isso que significa ser uma família. Veja-se também a alegria que as crianças trazem aos avós – conhecemos o velho ditado: “Se eu soubesse que ser avô era tão agradável, teria tido os netos primeiro.”

Vemos esses pobres velhos que são empurrados para os lares de idosos; o que acontece quando uma criança se aproxima deles? Enchem-se de uma alegria que se lhes vê na cara. Esta separação é uma das pequenas vitórias do demônio – que conseguiu deste modo destruir a família. É uma pena, porque as crianças podem comunicar essa alegria inocente. Porquê? Como? Vou citar-lhes um poema. É um lindo poemazinho, um dos “Cânticos de Inocência” de William Blake.

O Cordeiro

Oh Cordeirinho, quem te fez?
Saberás tu quem te fez?
Quem te deu vida e dá de comer.
Pelo regato e pelo prado;
Quem te deu uma manta formosa,
Roupa suave, radiante, lanosa,
Quem te deu uma voz tão terna
Que todos os vales alegre?
Oh Cordeirinho, quem te fez?
Saberás tu quem te fez?
Oh Cordeirinho, eu te digo!
Oh Cordeirinho, eu te digo!
Ele é chamado pelo teu nome
Por Se chamar a Si Mesmo Cordeiro
Manso e amável Ele é,
E encarnou como um bebé:
Eu uma criança e tu um Cordeiro,
Somos chamados pelo Seu Nome.
Oh Cordeirinho, Deus te abençoe!
Oh Cordeirinho, Deus te abençoe!

É um poema encantador. Explica-nos, em termos muito simples, a formosura, alegria e inocência da infância, porque o Próprio Deus encarnou como um bebé, como uma criancinha. Esse Menino, nascido em Belém, foi a maneira que Deus escolheu para entrar no mundo. Verdadeiramente, aquelas características do cordeirinho vieram a conformar o Cordeiro de Deus, como se proclamará na Missa a partir de então. Diz-nos que a infância e a inocência são de um tempo muito especial.

Pois bem, o ponto da questão é que Nossa Senhora (A Bem-Aventurada de Deus Omnipotente) veio na verdade falar-nos. O título oficial que eu dei a esta alocução –

embora tenha mudado um pouco – foi, “os Vínculos no Terço de Nossa Senhora: De Fátima a Washington, D.C.”, Onde Estamos Hoje. Ora, quando lhe dei este título, eu pensava numa só coisa especificamente; mas como o título mudou, esclarecerei durante o discurso porque é que esses vínculos mudaram. Posso começar com alguns dos vínculos dos mistérios gozosos que são os seguintes:

A Anunciação – a Mãe Santíssima é Bem-Aventurada, porque foi escolhida por Deus e deu o seu consentimento. É o Seu consentimento que torna possível a história da humanidade a partir deste momento. Tudo começa com o consentimento da Mãe Santíssima em ser mãe. Era uma Virgem; e consentiu em ser Mãe.

A Visitação – é a visitação de Maria Santíssima a Santa Isabel. Há agora dois meninos. Deus, na Sua misericórdia infinita, deu a Isabel um filho na sua velhice e ele está no seu seio. Esse filho, evidentemente, é João Batista. Quando as duas mulheres, que são primas, se encontram e abraçam, os dois meninos, no seio de suas mães, reconhecem-se um ao outro. São João saltou de alegria no seio de sua mãe, e os teólogos dizem-nos que, neste momento, ele foi liberto do Pecado Original. Torna-se inocente, porque é ele que abrirá o caminho para o Senhor. Vai ser ele quem o faz. Será ele que batizará no Rio Jordão, mostrando assim o que é preciso fazer no futuro. E ele mostra essa alegria, essa emoção. E essa inocência primordial restabelece-se enquanto João Batista está ainda no seio materno.

O Natal – o que também sabemos (e não faz parte dos Mistérios Gozosos) acontece nos bastidores, por assim dizer – o Rei Herodes quer assassinar esse Menino. Chegou-lhe a notícia de que nasceu Alguém que desafiará a sua realeza – um Menino – e ele manda que sejam assassinadas todas as crianças do sexo masculino. Veio a ser uma das terríveis dores de Nossa Senhora. Ela experimenta a alegria de dar à luz; mas, simultaneamente, o conhecimento de que Herodes assassinou essas crianças é uma angústia terrível.

Apresentação no Templo – é a submissão completa de Maria Santíssima à Lei de Deus, dando essa criança, o Próprio Deus, para ser consagrada a Deus; fazendo o que se exigia d’Ela; o que, através d’Ela, era ordenado pelo Próprio Deus. Ela era sempre obediente a tudo o que Deus queria que fizesse – e isso é algo extraordinário. Mas, por outro lado, Ela, sim, foi concebida sem mácula, sem mancha do Pecado Original, e por isso poderia fazer fielmente – ao contrário de nós – tudo o que Deus lhe exigia que fizesse. E Ela fê-lo.

O Encontro de Nosso Senhor no Templo – o descobrimento do Menino Jesus no Templo, quando Ele é um pouco maior – e está a ensinar os doutores da Lei. E depois há aquele misterioso intervalo, quando Jesus voltou para Nazaré e era-lhes submisso – a Seu pai e a Sua Mãe. O Filho, o Próprio Deus, está sujeito a um pai, masculino, e a uma Mãe, feminina, o que mostra a importância e a necessidade da família, onde o Próprio Deus Se submeterá a Si Próprio à ordem, estrutura e autoridade que há na família – coisa extraordinária, esta!

Depois, evidentemente, temos aqueles anos íntimos. Durante esse tempo, onde estava Ele? Estava em casa com Seu pai e Sua Mãe. A maior parte da vida de Nosso Senhor na terra passou-a Ele com a Sua família. Sabemos que Ele aprendeu carpintaria, aprendeu

um ofício. Não foi para a universidade. É óbvio que aprendeu muito de Sua Mãe, estando junto dessa Mãe tão perfeita (enquanto à Sua natureza humana). Outra vez digo: -Que dom extraordinário!

Quando – naquele momento da Crucifixão – o Senhor a entregou a São João, entregou -A a todos nós – a a todos. Essa Mãe tão perfeita é agora nossa Mãe. Foi um enormíssimo presente. No caminho para a Cruz, Jesus vê a Sua Mãe. Ela sabe o que está a acontecer. Compreende porque é que isso é preciso, mas a sua dor é esmagadora. Por isso, até a mais perfeita das mães pode experimentar um sofrimento terrível pelos seus filhos, ainda quando sabem que certas coisas são inevitáveis e têm que acontecer.

E depois acontece outra coisa extraordinária, quando Nosso Senhor fala com as mulheres de Jerusalém e lhes diz: “Não choreis sobre Mim, chorai sobre vós próprias e sobre os vossos filhos.” Jesus sabia o que ia acontecer. E está de novo a ensinar as mulheres a chorar – por elas próprias, egoistamente? Não! – pelos seus filhos.